

Para especialistas, gays e negros sempre se ofenderam com piadas de Didi

(UOL Mulher, 08/01/2015) “Naquela época, essas classes dos feios, dos negros e dos homossexuais, elas não se ofendiam”. A declaração, dada pelo humorista Renato Aragão à revista “Playboy” de janeiro, diz respeito à época de “Os Trapalhões”, programa veiculado entre 1966 e 1995. Para ele, antigamente, as pessoas sabiam que suas brincadeiras não eram feitas para atingir ninguém, mas, hoje, esse tipo de humor é encarado como preconceituoso. Será mesmo que a opinião pública mudou nos últimos 50 anos?

“Todo mundo sempre se ofendeu e reclamou. Os movimentos sociais existem há décadas, o que não havia era visibilidade”, afirma a professora do núcleo de sociologia da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) Carla Cristina Garcia, que atua, principalmente, com questões de gênero e é mestre e doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Segundo o antropólogo Luiz Mott, mestre pela Universidade Paris-Sorbonne, professor aposentado da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e fundador do GGB (Grupo Gay da Bahia), a sociedade era mesmo mais politicamente incorreta. “Nos últimos anos, a afirmação de identidade das minorias se tornou mais combativa, através, sobretudo, das redes sociais e da disseminação da informação. Hoje, qualquer fala preconceituosa é imediatamente divulgada e causa protesto e indignação”, afirma.

Embora a visibilidade da indignação hoje seja maior, os movimentos de minorias e o incômodo com este tipo de humor já existem há muito tempo. Mott lembra de um episódio ocorrido em 2004, quando o GGB divulgou um protesto dizendo ser inadmissível um embaixador da Unicef propagar tantos preconceitos. Como resposta, Aragão afirmou, na época, que nunca teve a intenção de humilhar ninguém e prometeu limpar as piadas homofóbicas de seu programa de TV.

Para o professor doutor Dagoberto José Fonseca, chefe do departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Unesp (Universidade Estadual Paulista), as pessoas sempre reconheceram e lutaram por seus direitos, mas em condições mais difíceis do que as que encontramos hoje.

“Antes, a maioria da população era de analfabetos, não se tinha tanta ligação com a escrita, com a mídia. Além disso, com a Constituição de 1988, passamos a ter uma lei que trata de racismo como crime inafiançável, o que nos permite lutar com instrumentos legais”, afirma Fonseca, que já foi coordenador do CLADIN (Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra) da Unesp e do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão.

Brincadeira inocente?

Segundo Carla Cristina Garcia, a declaração de Aragão tem um ponto positivo: levar ao questionamento de quais efeitos este tipo de humor pode causar à sociedade. “Não devemos ser contra o humor, mas precisamos rever a ideia do que é engraçado. Qual a graça em humilhar o outro? Por que rir quando humilham alguém diferente de mim?”, questiona.

Na entrevista à “Playboy”, Renato Aragão afirmou, também, que as piadas que fazia com seu colega Mussum eram apenas brincadeiras, como se fossem duas crianças, e que a intenção não era a de ofender ninguém.

Autor de “Você Conhece Aquela? - A Piada, o Riso e o Racismo à Brasileira” (Editora Selo Negro), livro que explica como as piadas sobre negros contribuem para propagar o racismo, Dagoberto José Fonseca acredita que este tipo de humor não tem nada de inocente, pois difunde diversas formas de preconceito.

“A piada não é ingênua. Ela tem como objetivo a ridicularização do outro e provoca um processo de maior discriminação na sociedade”, afirma Fonseca. “É um mecanismo violento e sofisticado que parte de pessoas cultas, que têm consciência do que dizem, e que visa uma correção: é o correto fazendo uma observação sobre o ‘anormal’. É uma tentativa de corrigir aquilo que é considerado antinatural ou que está fora de seu lugar: o gay, o negro, o

gordo...”.

Como consequência, segundo Fonseca, este tipo de humor propaga o preconceito. Além disso, ele generaliza e estereotipa povos, raças e classes e impede que as pessoas possam ser livres como são. “O gay quando está no armário não é motivo de piada. Mas as pessoas fazem piada quando ele se assume, porque buscam fazer com que ele volte à invisibilidade. Este é o mesmo objetivo das piadas racistas, sexistas, classistas e religiosas”, diz.

Para Fonseca, se queremos fazer parte de uma sociedade que luta por igualdade e na qual as pessoas possam se expressar livremente, precisamos repensar este tipo de humor. “Devemos olhar para esta questão com responsabilidade. O objetivo não é acabar com o humor, é não incentivar o humor que humilha, que é uma violência contra o outro”, afirma.

Carla concorda que devemos combater piadas preconceituosas. “Nunca é só uma brincadeira se o outro for humilhado. Quanto menos piadas racistas, homofóbicas ou machistas contarmos, maior a chance de termos uma próxima geração melhor e uma sociedade com menos discriminação”.

Andrezza Czech

Acesse no site de origem: [Para especialistas, gays e negros sempre se ofenderam com piadas de Didi \(UOL Mulher, 08/01/2015\)](#)